

RUY E OS ORIXÁS¹

Consuelo
Oliveira²

Neste momento que certamente ficará em nossa memória, e com a certeza de que todos que estão aqui participando deste Colóquio dirão aspectos dos muitos Ruy Póvoas, em modos e formas as mais bonitas que puderam construir, peço licença para encurtar a distância física, transportando-me através de algumas trilhas simbólicas afro-brasileiras. Tentarei expressar através deste vídeo, interseções construídas a partir de minha convivência com Ruy Póvoas.

[1] Transcrição de vídeo enviado de Barcelona (Espanha) e projetado no Colóquio. O vídeo trazia várias imagens de Ruy Póvoas no cotidiano da comunidade de tradição africana Ilê Axé Ijexá, em Itabuna (BA).

[2] Professora Doutora em Antropologia. Livre pesquisadora de estudos afro-brasileiros. Membro colaborador do Kâwé
E-mail:
<consul_oliveira@yahoo.com.br>.

O vídeo deve ser compreendido como um encontro, com todos vocês e com alguns Ruy que observei, vi, compartilhei, compreendi e abracei. Certamente, existem muitos outros que estão nos esperando nas esquinas do sentimento.

Nos caminhos do coração encontrei o Ruy **Exu**. O que intermedia os nossos pedidos com os deuses para transformar os dias em vida melhor. O comunicador por excelência, mas também o brincalhão que pode tecer finas ironias. Também o que é capaz de romper com o comumente estabelecido.

Descobri o Ruy **Ogum**, o guerreiro e também protetor, que fica na porta de nossas vidas, esperando atento para lutar contra os males.

Nós somos as energias dos deuses, em nossos corpos moram as divindades

Convivi com o Ruy **Oxóssi**, o caçador, o investigador, aquele que compartilha o que foi buscado. Tanto alimenta o físico como o conhecimento.

Observei o Ruy **Obaluaiê/Omolu**, o curador ferido, o que sabe sentir a dor do outro e com flor de pipoca curar as feridas do corpo e as feridas da alma.

Vi o Ruy **Ossáe**, o que fica espreitando por trás das ramas, esperando o momento para colher a folha certa, na hora exata, para limpar o corpo e vivificar a alma.



Presenciei o movimento do Ruy **Oxumarê**, o arco-íris serpente, que vai envolvendo os lugares onde passa, criando o equilíbrio e anunciando o prenúncio de um tempo bom.

Senti a força do Ruy **Xangô**, aquele que luta contra as injustiças, que gosta de ser respeitado, obedecido; também o sedutor, com muitos encantos,

conhecidos aos quatro ventos.

Convivi com o Ruy **Oxum**, o que sabe acariciar, o que gosta de brilho. O Ruy que se mostra na suavidade das águas de um rio, mas a qualquer momento pode virar enchente, águas revoltas.

Compreendi o Ruy **Logum-Edé**, aquele que em alguns momentos se encontra na floresta e

em outros, no reino encantado das águas. A unidade de ser dois em um. Ele nos ensina que tristes seríamos se não pudessemos ser assim, dual, vivendo a diferença flutuante que nos intriga a pensar nossos contrários.

Também vi o Ruy **Iansá** que pode ser ventania quando passa veloz pelo terreiro, chamando, dando pressa ao povo para fazer tudo bem feito. Vamos minha gente, deixa de lerdeza, Vamos!

Testemunhei o Ruy **Obá**, aquele que ao defender o conhecimento afro-brasileiro, já perdeu, como na mitologia, mais de um orelha com a valentia de um lutador.

Apreciei a beleza de um Ruy **Euá**, aquele que algumas vezes não se deixa ver, mas em outros momentos explode em um saber, transformando a doença em processo de saúde.

Enxerguei a sabedoria de um Ruy **Naná**, aquele que sabe dos segredos da lama primordial. Aquele que, tal como Naná, é intérprete dos seus filhos na busca da solução dos problemas da vida.

Descobri o Ruy **Iemanjá**, o que abre os braços - oceano como fez a grande mãe para receber os filhos, qualquer dos filhos, pois ama a todos indiscriminadamente.



Foto 95: acervo Kâwé

Fiquei alegre com o Ruy **Ibeji**. Os gêmeos que enchem a vida de alegria, de jogo, de festa, de cores e abundância.

Convivi com o Ruy **Oxalufá**. O lento, calmo, severo e constante. Com ele, a segurança de que no silêncio existe o segredo. O segredo da magia que é capaz de criar, através da disciplina, a harmonia. Energia que se suaviza na brancura da paz, da confiança de que tudo voltará a ser, que a vida vai sendo recriada em cada roda de dança, porque a vida se faz no dançar.

Isso, amigo Ruy Póvoas, Ajalá Deré, Katulembá, faz parte do grande aprendizado do conhecimento afro-brasileiro que você nos ensinou. Somos portadores de todas as qualidades energéticas do universo. Certamente, algumas são mais fortes em cada um de nós, mas o trabalho constante deve ser o de tentar conseguir estabelecer o equilíbrio entre elas.

**Compartilhar com
Ruy Póvoas, Ajalá
Deré, Katulembá,
é aprender que
a criatividade
move e recria
continuadamente o
mundo, através dos
nossos corpos divinos,
sejam quais forem
os deuses que neles
habitam. Exeuê Babá**

Nós somos as energias dos deuses, em nossos corpos moram as divindades. Mas, para ver essa realidade é necessário sensibilizar o corpo-alma. Reunificar o que um certo

pensamento separou, mas que ultimamente tenta reunificar, pois muita coisa ficou desconectada, perdendo o gosto e o sabor da inter-relação. Certamente, isso não foi o que aconteceu com o conhecimento afro-brasileiro, que nunca conheceu o que é separação. A unidade sempre lhe foi inerente. A visão pretensiosa, suposta supremacia, é que separou os saberes.

Através dos Ruy humano-divinos fica, então, o permanente convite para a experiência de ver o mundo sem divisão, aberto, poroso, sensível. Um convite à coexistência com os seres, sejam quais forem, pois toda existência é plena de vida.

Compartilhar com Ruy Póvoas, **Ajalá Deré, Katulembá**, é aprender que a criatividade move e recria continuamente o mundo, através dos nossos corpos divinos, sejam quais forem os deuses que neles habitam. Exeuê Babá!